

CAMINHOGRAFIAS URBANAS E POLÍTICAS PÚBLICAS COM POVOS TRADICIONAIS NAS MARGENS DE MARABÁ, PELOTAS E COMODORO RIVADAVIA

EDUARDO DA SILVA E SILVA¹; GABRIELA DROPPA TRENTIN²; OTAVIO GIGANTE VIANA³; TAIS BELTRAME DOS SANTOS⁴; EDUARDA GONÇALVES⁵; EDUARDO ROCHA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – duardsv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gd.trentin@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – otaviogv@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul – tais.beltrame@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Focando na relevância das culturas dos povos e comunidades tradicionais que habitam diversos territórios no Brasil e na América do Sul – como indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, caboclos e pescadores artesanais – o projeto de pesquisa¹, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico², propõe um movimento de valorização dos saberes desses povos originários e sociedades tradicionais. Essas comunidades, localizadas às margens de corpos hídricos, encontram nessas áreas uma forma de sobrevivência e preservação de suas culturas.

O estudo está sendo realizado em três cidades de médio porte na América do Sul: Comodoro Rivadavia, em Chubut, na Argentina, em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil e em Marabá, no Pará, Brasil (Fig.1). A proposta visa promover uma descolonização do conhecimento tradicionalmente centrado nas “grandes universidades” e nas capitais (MARTÍN-BARBERO, 2014), ao reconhecer que o verdadeiro centro do saber pode estar no interior, nos confins distantes onde práticas e saberes são cultivados (CHSSALLA, 2020).

O objetivo geral deste projeto é desenvolver políticas públicas para povos e comunidades tradicionais que residem nas cidades do interior da América do Sul, especialmente nas margens de corpos d'água, como o Rio Marabá, a Lagoa de Pelotas e o Mar de Comodoro Rivadavia. O projeto busca explorar as interações culturais, econômicas e produtivas dessas comunidades, promovendo uma discussão abrangente sobre suas necessidades e realidades, tanto no Brasil quanto na Argentina, através do desenvolvimento do aplicativo CaminhoVivo.

Para atingir esse objetivo, foram estabelecidos objetivos específicos. Primeiramente, o projeto propõe a experimentação da caminhografia urbana como um método inovador de registro, interação e criação nas cidades. Além disso, será realizado um mapeamento das comunidades tradicionais que habitam áreas urbanas próximas a corpos d'água nas cidades de Marabá, Pelotas e Comodoro Rivadavia. A integração e troca entre diferentes regiões e comunidades do Brasil e da Argentina também são fundamentais, especialmente entre aquelas que vivem às margens de águas.

¹ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/confins/>

² Chamada Pública MCTI/CNPq no 14/2023 Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação e; Chamada CNPq/MCTI No 10/2023 - UNIVERSAL, Faixa B - Grupos Consolidados.

O desenvolvimento do aplicativo CaminhoVivo, que será projetado para atender às necessidades de comunidades periféricas e tradicionais, adotando uma abordagem colaborativa que valoriza o conhecimento local e envolve os membros da comunidade em todas as etapas de criação e implementação. O projeto também visa estimular a formação de redes de estudos entre universidades e instituições, promovendo ações conjuntas em pesquisa, ensino e extensão.

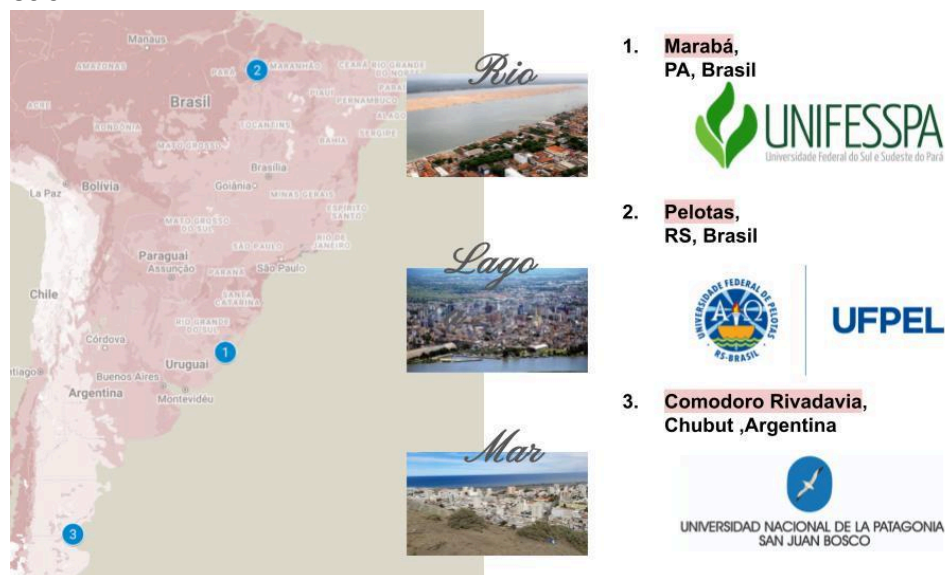


Figura 1 - Mapa das cidades participantes e suas águas. Fonte: dos autores.

2. METODOLOGIA

O método empregado nas atividades da pesquisa é a "Caminhografia Urbana", que se estrutura em dois movimentos centrais: a cartografia e o ato de caminhar (ROCHA; SANTOS, 2024). A caminhografia urbana, integrando cartografia e caminhar, busca mapear, desenhar, fotografar, filmar, narrar e dialogar com a cidade no próprio espaço urbano, entendendo os lugares como produtores de subjetividade na relação entre corpo e espaço, sempre em constante transformação. Ao caminhar, o corpo explora a cidade de forma atenta, deslocando-se pela experiência e registrando qualquer afeto que desperte o pensamento.

A partir disso, vamos utilizar plataformas abertas de mídias locativas para realizar o mapeamento colaborativo das comunidades; promover o diálogo com pesquisadores nacionais e internacionais, ONGs, associações comunitárias, órgãos e agentes públicos, organizar seminários presenciais e remotos para discutir problemas e propor novas direções para políticas públicas, e divulgar os procedimentos e resultados da pesquisa em eventos e periódicos nacionais e internacionais. Para monitoramento em tempo real e futuro, planeja-se desenvolver o aplicativo CaminhoVivo, que visa utilizar as caminhadas como meio de coletar dados e insights sobre as necessidades e oportunidades das áreas urbanas e periurbanas, contribuindo para a formulação de políticas públicas mais eficazes e sustentáveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos até o momento demonstram a relevância da caminhografia urbana como metodologia para investigar e registrar as dinâmicas socioespaciais de comunidades tradicionais localizadas às margens dos corpos d'água nas cidades de Marabá, Pelotas e Comodoro Rivadavia. As caminhadas realizadas permitiram um mapeamento detalhado das interações cotidianas desses povos com o território, revelando práticas culturais, modos de subsistência e os desafios enfrentados, como o acesso limitado a políticas públicas de saneamento e infraestrutura. A partir das observações e registros, foi possível identificar padrões e singularidades que enriqueceram a análise, apontando para a necessidade de intervenções mais inclusivas e específicas para essas áreas (Fig. 2).

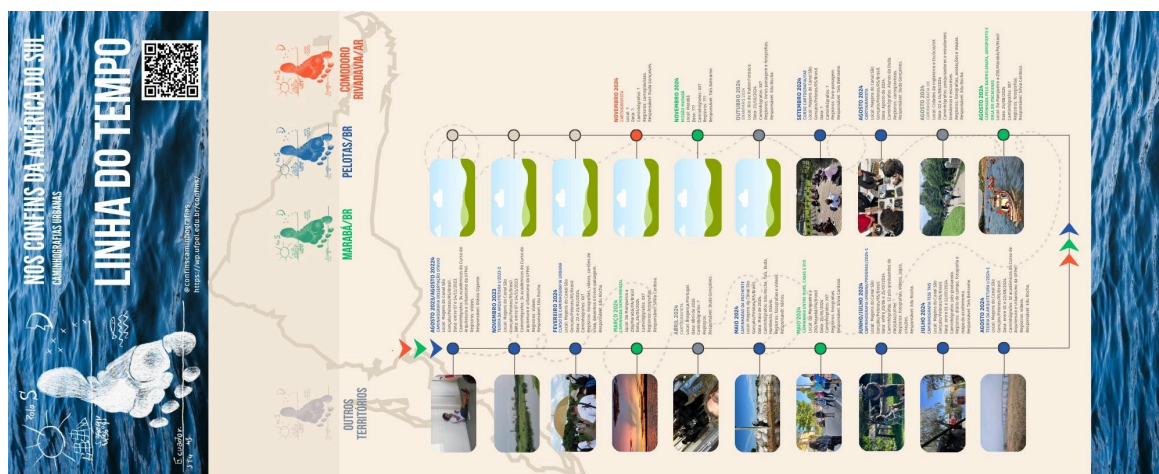


Figura 2 - Linha do tempo do processo de pesquisa. Fonte: dos autores.

Em Pelotas, as atividades foram conduzidas pelos Professores Eduardo Rocha, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, e Eduarda Gonçalves, do Centro de Artes, ambos da UFPel. Essas iniciativas envolveram alunos de graduação e pós-graduação, com cursos e eventos que coletaram dados e aproximaram a população das margens da cidade. Entre 22 e 24 de fevereiro de 2024, o curso "Caminhografia Urbana às Margens do Canal São Gonçalo" foi realizado, promovido por grupos de pesquisa da UFPel, explorando a caminhografia como método de registro e aprendizado das práticas das comunidades locais. Durante os semestres de 2023/2 e 2024/1, alunos da disciplina Teoria e História I realizaram análises nas "bordas molhadas" de Pelotas, mapeando e refletindo sobre a relação da cidade com o canal São Gonçalo.

Em Marabá, as atividades foram coordenadas pela UNIFESSPA. Em março de 2024, o evento Caminhada Experimental utilizou a metodologia da caminhografia urbana nas áreas de Velha Marabá e no bairro de Santa Rosa (Z30). Em maio, o evento Caminhada Entre ruas, casas e rio explorou o bairro de Santa Rosa e o rio Tocantins, destacando a história local e suas palafitas.

A pesquisa também experimentou essa metodologia em territórios internacionais, como Inglaterra, Escócia e Bragança (Portugal), e nas turmas de Artes Visuais da UFPel. Para novembro de 2024, estão previstas caminhografias em Comodoro Rivadavia, Argentina, com a participação de pós-doutorandos e doutorandos da Universidade Nacional da Patagonia San Juan Bosco (UNPSJB).

Entre os principais resultados dessas atividades, destacam-se os inúmeros registros coletados, como vídeos, fotos, e produções artísticas e textuais. Esses materiais estão sendo revisados e armazenados para, futuramente, servirem como recursos de apoio à pesquisa, proporcionando múltiplas perspectivas sobre os resultados das caminhadas. Além disso, esses registros também fornecerão conteúdo essencial para o desenvolvimento do aplicativo CaminhoVivo (Fig.3).

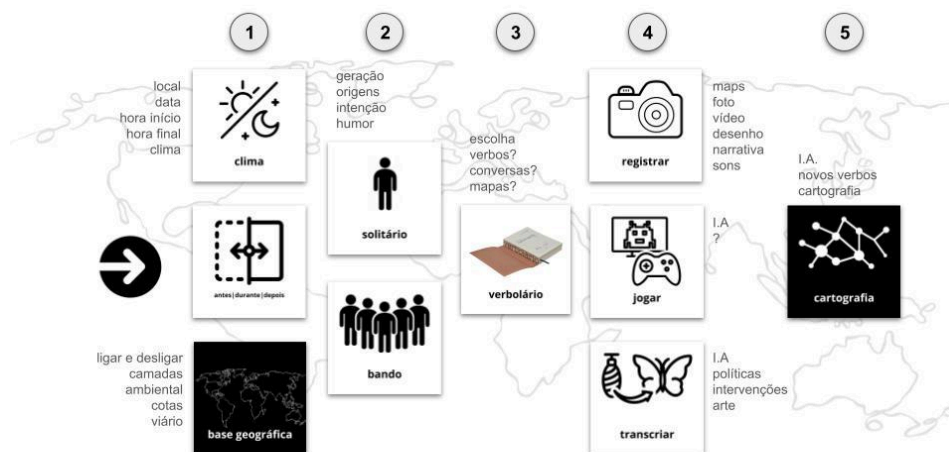


Figura 3 - Primeiro desenho do App CaminhoVivo. Fonte: dos autores.

4. CONCLUSÕES

Os cursos, eventos e exercícios realizados nas regiões estudadas fomentam novas perspectivas e estabelecem colaborações significativas para o desenvolvimento de políticas públicas. A utilização da caminhografia como ferramenta metodológica fortalece o amadurecimento da pesquisa e promove uma aproximação efetiva entre a universidade e as comunidades locais. Essa conexão cria um impacto mais profundo e integrado, que vai além da relação tradicional entre pesquisador e objeto de estudo, contribuindo para transformações duradouras nos territórios explorados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos (orgs.). **Verbolário da Caminhografia Urbana**. Pelotas: Caseira, 2024.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (Brasil). **Diagnóstico das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (CHSSALLA) no Brasil**. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2020.

DETONI, Luana Pavan; ROCHA, Eduardo. **Cartografia urbana: o fio de Ariadne**. Vitruvius Arquitectos, São Paulo, ano 22, n. 258.02, 2021.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.